

Resumo de notícias econômicas

08 de junho de 2021 - *(terça-feira)*

Ano 3 n. 105

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 08 DE JUNHO DE 2021

País logo terá mais contas digitais do que habitantes (08/06/2021)

Broadcast

Ainda este ano, o Brasil deve ter mais contas digitais do que gente. Logo serão 200 milhões de contas, conforme projeções da Idwall, startup que presta serviços de identificação virtual de documentos. Na liderança, está o Nubank. Oito anos após ser lançado, o maior dos bancos digitais alcançou a marca de 40 milhões de contas, somando Brasil, Colômbia e Chile. A expansão tem se dado ao ritmo de 40 mil correntistas por dia. Mais novo, o C6 Bank, lançado há menos de três anos, corre para alcançar o pelotão da frente: tem mais de 7 milhões de contas abertas, e alcançou seu primeiro milhão em apenas seis meses de operação, praticamente um quarto do tempo gasto, em média, pelos outros cinco analisados. O próprio Nubank levou mais de três anos para atingir esse marco.

Todo esse crescimento, no entanto, carece de substância, na opinião do analista do Itaú BBA para o setor, Pedro Leduc. Para ele, não significa mais tanta coisa quando uma instituição se gaba de ter 10 milhões ou 20 milhões de contas abertas. O que importa é o tanto de transações que esses clientes fazem por meio delas. Nubank e C6 Bank, segundo ele, têm baixo nível de depósito por correntista, o que indica menor potencial para oferta de crédito.

A equipe do BBA revisou sua metodologia para analisar negócios digitais em maio, o que levou ao aumento do preço-alvo para os papéis do Banco Pan em 70%. Mas Leduc afirma que o caso do Pan é diferente de outros bancos digitais: a instituição, controlada pelo BTG Pactual, usa uma 'vaca leiteira', que é a operação bancária tradicional, para erguer um banco digital, com diversos efeitos multiplicadores de negócio.

Sem Reserva de Emergência (08/06/2021)

Broadcast

Quase 90% dos nano e microempreendedores brasileiros que tiveram o auxílio emergencial negado operam sem reserva de emergência - ou porque nunca tiveram, ou porque a poupança acabou. Se for levado em conta que 21,7% dos empresários dessa categoria pediram o benefício, mas ele não foi concedido, conclui-se que 19,3% dos negócios estão funcionando sem nenhum tipo de auxílio ou reserva financeira. A maioria dos empreendedores (54,76%) solicitou o auxílio emergencial. » Acabou a reserva. Entre todos os entrevistados, 42% dos microempresários não têm reserva de emergência. Destes, 32% informam que já tiveram, mas acabou. Os dados são da pesquisa “Impacto da Covid-19 nos micronegócios”, realizada pela SumUp (empresa de soluções financeiras para micro e pequenos negócios). Foram 1.187 nano e microempresários brasileiros consultados, entre 3 e 10 de maio. A margem de erro é de 3 pontos percentuais.

Ainda de acordo com o levantamento, quase metade (48,6%) dos negócios que começaram a vender pela internet por conta da pandemia está funcionando agora com atendimento ao público. Enquanto isso, 46% nunca venderam pela internet, mesmo com a pandemia. Já 23% adotaram a venda online após a pandemia. O WhatsApp é a principal ferramenta usada pelos microempreendedores para vender online, seguido pelo Instagram. O app de mensagens teve mais respostas do que todas as outras plataformas somadas, com a preferência de 60,8% dos empresários. O segundo colocado teve 24,4% das respostas.

Falta de Produtos nos Supermercados (08/06/2021)

Broadcast

Após dois meses em queda, o índice que mede a falta de produtos nos supermercados, a chamada ruptura nas gôndolas, voltou a subir e no mês de abril fechou com média de 11,03%. No ranking de produtos mais escassos estão as bebidas à base de soja (27,5%), leite longa vida (16,6%), ovos (16,2%), proteína de soja (15%) e até chocolates (14,9%) e rum (13,3%). Os dados foram levantados pela Neogrid,

empresa especializada na sincronização da cadeia de suprimentos. Após quatro meses em alta (de setembro de 2020 a janeiro), o índice havia recuado em fevereiro (11,45%) e março (10,68%). De acordo com Robson Munhoz, diretor de operações da Neogrid, a melhora do indicador foi reflexo da retomada da produção de embalagens nos primeiros meses do ano. Já a piora em abril veio do aumento no consumo, com a volta do auxílio emergencial. Com a alta da inflação e o novo auxílio menor, o consumidor passou a comprar produtos mais baratos. Como o varejo não responde tão rapidamente, faltam alguns produtos nas prateleiras, como ovos. Segundo Munhoz, com a pandemia e o cenário econômico, algumas indústrias começam a apresentar problemas financeiros e isso também afeta o ritmo de produção.

G7 apoia taxa global para multinacionais (08/06/2021)

REUTERS

O G7, grupo de sete países desenvolvidos que reúne as principais economias do mundo, concordou ontem em apoiar novas regras para tributar empresas multinacionais com um imposto de pelo menos 15%. A proposta é considerada um passo significativo em direção a um acordo global em favor da taxa mínima proposta por Joe Biden, presidente dos Estados Unidos.

A medida tem o objetivo de garantir que as companhias recolham impostos nos países em que operam, evitando manobras – como o registro do lucro em paraísos fiscais – para obter uma tributação mais vantajosa.

Os países do G7 concordaram em concentrar novas regras tributárias para empresas multinacionais que tenham margem de lucro de, pelo menos, 10%. O grupo também apoiou que o direito de tributar 20% dos lucros acima desse limite seja repartido entre os governos.

“As sete nações industrializadas mais importantes hoje apoiaram o conceito de tributação mínima para as empresas. É uma notícia muito boa para a justiça fiscal e uma má notícia para os paraísos fiscais em todo o mundo”, disse o ministro das Finanças alemão, Olaf Scholz. A secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen, disse que a implementação do imposto mínimo global protege a soberania nacional dos países. Ela afirmou que “as pressões que forçaram a redução das taxas de impostos

corporativos serão aliviadas” e que o G7, composto por Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão e Reino Unido, agora busca o endosso de outros países, em especial do G20, para o imposto global.

O G7 também abordou a questão das transações digitais, destacando que as inovações têm potencial de trazer benefícios significativos, mas também levantam questões regulatórias e de política pública. “Os bancos centrais do G7 têm explorado as oportunidades, os desafios e as implicações para a estabilidade monetária e financeira das moedas digitais de bancos centrais (CBDCs). Nos comprometemos a trabalhar em conjunto, como ministérios de Finanças e bancos centrais, dentro de nossos respectivos mandatos, em suas implicações políticas”, disse o grupo em comunicado.

Seca e commodities puxam inflação (08/06/2021)

O Estado de S. Paulo

A crise hídrica que já provoca aumento da tarifa de energia elétrica e a escalada de preços das commodities, especialmente as metálicas, elevaram as previsões de inflação para este ano. Consultorias projetam uma alta que beira 6% para IPCA. Por oito semanas consecutivas, as expectativas do mercado financeiro para a inflação não pararam de subir, segundo o Boletim Focus do Banco Central (BC). Na última semana, a mediana das projeções atingiu 5,31% e furou o teto da meta para este ano, de 5,25%. A aceleração põe mais pressão sobre o BC, para que continue elevando os juros, a fim de conter a alta de preços.

“Com a inflação nesse patamar previsto de quase 6% este ano, a normalização da taxa nominal de juros precisa ser rápida”, alerta o economista-chefe MB Associados, Sergio Vale. Ele acabou de revisar de 5,2% para 5,8% a previsão do IPCA para este ano. Na sua avaliação, o Banco Central provavelmente terá que elevar a Selic para 6,5% no segundo semestre, podendo ir a 7% ou mais. Hoje a taxa é de 3,5% ao ano. O que está em jogo neste momento, segundo Vale, é a expectativa da inflação para 2022. Isso por causa de fatores adversos que elevaram a projeção do IPCA acima do inicialmente previsto para 2021, da recuperação mais acelerada da atividade e da turbulência do período pré-eleitoral, que deve ter impacto na taxa de câmbio.

“Subir juros é a única opção que o BC tem neste momento, já que a sua função é mirar o centro da meta de inflação (de 3,75%)”, afirma a economista Maria Andréia Parente Lameiras, pesquisadora do Ipea. No entanto, ela pondera que a efetividade da alta dos juros para tirar o fôlego do câmbio e segurar a inflação neste momento não é total. Isso porque hoje as pressões inflacionárias se acumulam nos preços monitorados, como energia elétrica, medicamentos, planos de saúde, gasolina. “Com exceção da gasolina, que tem influência direta do dólar, os juros impactam pouco a tarifa de energia que depende das chuvas. Além disso, os reajustes dos remédios e dos planos de saúde já ocorreram.”

Foi exatamente o aumento nas projeções dos preços monitorados, de serviços e produtos que só podem ser alterados com aval do governo, que fez o Ipea revisar de 4,6% para 5,3% a projeção para o IPCA deste ano. Em março, os economistas da instituição projetavam um avanço de 6,4% para os preços monitorados. Mas, após a mudança de bandeira tarifária da energia, dos reajustes de remédios, planos de saúde e da gasolina, a taxa subiu para 8,4%.

Fábio Romão, economista da LCA Consultores, observa que o fato de as pressões inflacionárias estarem acumuladas em alimentos e nos preços administrados é um “problemaço”. Além de esses produtos e serviços serem de difícil substituição pelos consumidores, Romão lembra que o impacto da alimentação no domicílio, que subiu 18,5% em 2020, não saiu de cena. Para 2021, o economista projeta alta de 5% no preço da comida.

Por causa da piora da crise hídrica, que pressiona o custo da energia elétrica, e os efeitos da alta da gasolina e do diesel, além da elevação dos bens industriais, Romão subiu de 5% para 5,5% a projeção de inflação para este ano. Mas ele não descarta a possibilidade de que essa previsão seja superada, se a bandeira vermelha 2 – a mais cara – para energia elétrica se mantiver até o final do ano. O economista considera ainda que os preços industriais no atacado, que subiram 25% em 2020, aumentem mais 25% este ano. Isso representa mais pressão de custos, que deve ser repassada para o varejo na medida em que a atividade for melhorando.

Setor de carne não garante proteção à Amazônia (08/06/2021)

Folha de São Paulo

A dependência do setor de carnes da região da Amazônia Legal é grande: dos 22 milhões de cabeças de gado abatidos no ano passado no País, segundo o Ministério da Agricultura, 10,2 milhões (46%) tiveram origem na área. Mas as grandes produtoras de carnes admitem não conseguir garantir que sua produção não contribua indiretamente para a destruição da floresta. Apesar de existir correlação direta entre a Amazônia e o setor, as grandes produtoras de carnes no País admitem que, ao menos por enquanto, não conseguem garantir que sua produção não contribua indiretamente para a destruição da floresta.

A pressão de organismos internacionais sobre o Brasil por causa do aumento da velocidade da destruição da Amazônia é cada vez maior. Os dados mostram, porém, que o problema só cresce. Em maio, segundo o Inpe, a destruição da floresta teve alta de 40% em relação ao mesmo período de 2020, um recorde para o mês. Com dados como esse – que se repetem há alguns anos –, a indústria da carne sabe que está na berlinda.

Prova disso foi uma ação conjunta dos três maiores bancos privados do País – Itaú, Bradesco e Santander – voltada ao desenvolvimento sustentável da Amazônia, no segundo semestre do ano passado. Segundo executivos do próprio setor, há pressão dos distribuidores de alimentos (como redes de supermercados) e de alguns importadores, sobretudo na Europa, para que a carne produzida no País tenha “selo verde”.

As três principais produtoras de carne bovina do País – JBS, Marfrig e Minerva – correm contra o tempo para garantir a origem de todos os seus produtos. Mas, por ora, admitem que isso ainda não é possível. Embora todas tenham criado sofisticados programas de monitoramento via satélite para vigiar cada um de seus fornecedores diretos, elas esbarram no mesmo “ponto cego”: as fazendas de novilhos e de engorda pelas quais o gado passa antes de chegar às suas parceiras diretas.

Nesse momento, JBS e Marfrig têm uma meta ambiciosa: garantir que, até 2025, todo o histórico do gado possa ser monitorado. “O desafio que a gente tem é a identificação dos fornecedores indiretos”, diz Paulo Pianez, diretor de sustentabilidade

da Marfrig. Ele aponta falta de políticas públicas sobre o tema: “Ao contrário de Austrália e Uruguai, não implantamos a identificação de origem desde o nascimento. E tudo o que é voluntário tem adesão baixa. Foi uma oportunidade perdida.”

Pianez diz que, hoje, esse “ponto cego” da Marfrig ainda é de quase 40% do rebanho processado nas fábricas. Para conseguir garantir que o boi abatido pela empresa jamais tenha pisado em uma área com ilegalidades, a empresa criou um sistema de cadastro de fornecedores indiretos, nos quais as informações passam por uma série de validações de órgãos ambientais. Caso haja “não conformidade”, a propriedade pode ser orientada e financiada pela própria Marfrig para se adequar à legislação.

O mesmo ocorre na JBS. A empresa tem 100 mil fornecedores em seu sistema, dos quais 25 mil a 30 mil são ativos, segundo o diretor de sustentabilidade, Márcio Nappo. Dentro desse universo de propriedades, 11 mil são bloqueados atualmente por pendências ambientais. Para garantir o gado desde a origem, a JBS trabalha em um cadastro de quem fornece aos seus fornecedores com tecnologia blockchain. Além disso, montou 13 escritórios em que os pecuaristas podem prestar informações e ser orientados a sanar pendências – a JBS vai financiar essa adequação à legislação nos próximos anos.

Na Minerva, que recentemente concluiu o cadastramento de seus 8 mil fornecedores diretos de gado, o próximo passo é implantar o sistema em fazendas de outros países da América do Sul. Segundo Fernando Queiroz, presidente da Minerva Foods, a empresa já tem uma linha de carnes em que o consumidor pode rastrear o histórico dos bois por um Qr-code.

As ações de gigantes não são, porém, capazes de garantir o controle a todo o mercado. Isso porque, ao contrário do que ocorre com aves e suínos, que geralmente têm cadeias integradas às fábricas, o setor de bovinos funciona no sistema “spot”. Ou seja: uma fazenda vende hoje para um frigorífico e amanhã, para outro, conforme o preço pago.

Nutrien muda distribuição para encarar concorrência (08/06/2021)

Broadcast

A canadense Nutrien põe suas fichas em um novo padrão de distribuição para concorrer com Agrogalaxy e Lavoro, em um momento de consolidação de vendas de insumos agrícolas no Brasil. André Dias, presidente na América Latina, conta que está à procura de “talentos” entre agrônomos para aprimorar o atendimento e prevê mais centros de distribuição, além dos três atuais, para reduzir o prazo de entrega dos produtos. Uma plataforma digital semelhante à usada nos Estados Unidos deve ser adotada por aqui em 2022, com ferramentas agronômicas e venda de produtos. No segundo semestre deste ano, dez lojas “centros de experiência” serão abertas e as 25 vendas atuais serão adaptadas ao conceito. As ações integram a estratégia da empresa para ser líder em vendas no País em 2024, com 150 lojas até lá. “O jeito de fazer negócio hoje é o mesmo de 20 anos atrás. Vamos levantar a barra”, diz o executivo.

A Nutrien está avaliando várias aquisições e algumas delas podem se concretizar este ano, conta Dias. Além de lojas, compras e plataforma digital, os investimentos incluirão a construção de mais duas misturadoras de adubos (além de quatro existentes) e novos centros de distribuição (próprios ou alugados). Tudo integra o pacote de US\$ 1 bilhão alocado para o período de 2019 a 2024.

Com as perspectivas positivas para o agronegócio, Dias espera um “faturamento robusto” em 2021. “Nosso plano agressivo de crescimento tem sido cumprido. No primeiro trimestre, vimos alta de cerca de 50%.” Em 2020, a receita no Brasil somou R\$ 1,8 bilhão. Hoje, a Nutrien trabalha com mais de 30 marcas, superando 200 itens, incluindo portfólio próprio. “Não queremos apenas vender produto, mas ser a maior plataforma de soluções agrícolas integradas do País”, afirma o executivo.

Expansão da BRF na Turquia (08/06/2021)

Broadcast

A BRF vai investir US\$ 46 milhões até 2023 para aumentar a produção de suas fábricas na Turquia. A expectativa é elevar em 12% a capacidade produtiva das linhas de frango e em 40% a de produtos com maior valor agregado. Os recursos também serão utilizados para contratar mais de 600 funcionários, ampliar a reciclagem para 100% das embalagens e reduzir em 13% a utilização de água nas operações. O investimento faz parte de um esforço para consolidar o portfólio e a posição da sua marca de aves Banvit no mercado turco.

A cadeia de suprimentos é a próxima barreira do ESG'

(08/06/2021)

O Estado de S. Paulo

Com o olhar da sociedade e de investidores mais voltados para os temas ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla em inglês), a gestora Mauá Capital, do ex-diretor do Banco Central Luiz Fernando Figueiredo, decidiu trilhar um caminho diferente: criar linhas de crédito com metas ESG para a cadeia de suprimentos. Para Carolina da Costa, sócia da Mauá, o tema é de extrema relevância. Ela prevê que a cadeia de suprimentos será a nova barreira do ESG. Por isso, as grandes companhias devem levar as exigências a todas as empresas menores conectadas a ela, segundo Carolina, que chegou na gestora em fevereiro de 2020 para liderar a área de Novos Negócios, ESG e Impacto.

- **Como funciona o crédito à cadeia de suprimentos com métricas ESG?**

No nosso caso se trata de um financiamento estruturado, e esse tipo de recurso é mais necessário para pequenas e médias empresas. Com uma agenda sustentável, de mais longo prazo, elas conseguem atrair recursos para se financiar e, por fim, a cadeia se fortalece. Essa é a nossa agenda. Se trata de um Fidc (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios), que permite a mistura de capitais numa cota. Todos precisam ter objetivos ESG e as taxas diminuem conforme as metas atingidas.

- **Em que etapa estão as empresas protagonistas das cadeias produtivas?**

Há empresas em todos os estágios. Há aquelas que têm feito um trabalho de desenvolvimento dos fornecedores, de olho na dificuldade deles em se adaptar. Há outras que querem iniciar o apoio à sua cadeia. E existe um terceiro grupo com uma

visão mais financeira. As empresas envolvidas no desenvolvimento da cadeia terão de investir.

- **Como as grandes empresas ajudam nesse processo?**

As companhias fecham contratos de garantia de compra com o fornecedor, por exemplo. Tem de ter um ganha-ganha. A relação precisa ser simbiótica. A cadeia de suprimentos é, de longe, a fonte de maior impacto ambiental das atividades da indústria e do setor de serviços e será a próxima barreira ESG. As empresas menores necessitam de apoio e as grandes empresas terão de cumprir esse papel.

- **O interesse maior deve partir de empresas de quais setores?**

Vejo maior interesse nesse momento de empresas de agropecuária, mineração e varejo, por uma questão de imagem. Elas têm sido mais cobradas. Mas as companhias que são grandes geradoras de resíduos também terão de se preocupar com essas questões.

Empresas se unem a startups para criar tecnologias de proteção (08/06/2021)

Broadcast

Boa parte das tecnologias de proteção contra a covid-19 está sendo desenvolvida em parceria com startups de tecnologia. A Guararapes, fabricante de chapas de MDF, se uniu à empresa Nanox Tecnologia e conseguiu agregar proteções antiviral, antimicrobiana e antifúngica de íons de prata à madeira usada principalmente na fabricação de móveis.

O produto está sendo vendido para a indústria moveleira e marcenarias desde meados do ano passado e atualmente responde por 65% da produção do MDF revestido da empresa.

O gerente de marketing da Guararapes, Humberto Oliveira, diz que a empresa opera no limite da capacidade na fábrica de Caçador (SC) e vai investir R\$ 750 milhões para quase dobrar a produção. “Até setembro de 2022 vamos ampliar nossa capacidade produtiva de 600 mil metros cúbicos ao ano para 1,14 milhão de metros cúbicos”, diz.

A Borkar desenvolveu uma película autoadesiva para ser aplicada em variados itens, como mesas, móveis escolares e elevadores para evitar a contaminação cruzada, quando a pessoa toca uma superfície contaminada e depois tocar a boca, nariz ou olhos. Chamada de Protectvir, foi lançada em janeiro e, além do mercado interno, está sendo negociada com clientes dos EUA, Equador e Portugal.

Segundo Ramatis Radir, gestor do projeto que recebeu R\$ 1,5 milhão em investimento, mesmo que toda a população seja vacinada contra a covid-19 ele acredita que a demanda pelo produto será mantida. “Se não levar adiante pela covid, vamos levar por outras bactérias e fungos em geral”, diz ele. Maior fabricante de tapetes automotivos do País e fornecedora de várias indústrias automotivas, a empresa de Itapecerica da Serra (SP) também desenvolveu o produto na versão antiviral e negocia a venda com as montadoras.

Lançado no fim de 2020, o acrílico com aditivo antiviral Nano Power, da Bold, tem características próximas ao normal e a mesma capacidade de moldagem. O Hospital de Jaraguá do Sul (SC), cidade sede da empresa, tem sala toda revestida com o acrílico, informa Ralf Sebold, presidente do grupo. Ele foi desenvolvido em parceria com a startup TNS Nanotecnologia e, segundo o executivo, a Bold discute seu uso com os ministérios da Saúde (para hospitais, por exemplo), da Educação (móveis escolares), indústrias e comércio.

Com crise nos reservatórios, investidor deve ficar atento às empresas de energia (08/06/2021)

Broadcast

A diminuição no volume de chuvas fez o Sistema Nacional de Meteorologia (SNM) emitir um alerta de emergência hídrica. Agora, o País está em um cenário delicado e incerto para a produção de energia elétrica. A situação também pode causar impactos no mercado financeiro e o investidor deve estar atento aos reflexos nas ações ligadas ao setor.

A energia proveniente das hidrelétricas é responsável por 63,8% da produção no Brasil, segundo o Ministério de Minas e Energia. Estudos de acompanhamento para

o setor elétrico realizados pelo SNM alertam que as perspectivas climáticas indicam que a maior parte da região central do Brasil entra em seu período com menor volume de chuvas de maio a setembro.

“As empresas mais expostas a fontes hídricas e as que têm maiores níveis de contratação devem ser as mais afetadas, pois precisam honrar os contratos”, afirma Vitor Sousa, analista de investimentos com ênfase no setores de energia elétrica e saneamento da Genial Investimentos. “Para isso, podem acabar precisando comprar no mercado à vista (operação de troca imediata de produtos entre diferentes empresas de um mesmo setor) que, em geral, é uma energia mais cara, como é o caso da Cesp.” O analista avalia que a Engie Brasil e a AES Brasil devem ser afetadas, mas em menor escala por conta de um nível de contratação menor. “Apesar da fonte hidrelétrica ser a maior parte, a Engie está exposta a outros negócios, como ativos em eólica e gás, assim como a AES Brasil, que também tem produção eólica”, sugere Sousa.

Para Ricardo França, analista da Ágora Investimentos, o investidor que deseja ter elétricas na carteira para diversificar o portfólio deve procurar aquelas que investem em outra matriz de energia que não dependa da “situação preocupante desta época do ano”. “A Ômega e a Eneva são boas opções para ter na carteira por investir em energias eólica e térmica, respectivamente. Pelo menos enquanto as geradoras focadas em energia hidrelétrica, maior matriz do País, estão em situação crítica por depender dos níveis baixos dos reservatórios”, destaca França.

Para a economista e analista CNPI, Louise Barsi, o que mais deve influenciar os investimentos é a expectativa do mercado. Segundo ela, para traçar o futuro das empresas é necessário esperar os cálculos de riscos da crise hídrica, que devem ser avaliados por profissionais qualificados da área. “Ter uma crise hídrica não significa exatamente que o preço das ações desse setor pode despencar. O movimento da Bolsa tem muito mais a ver com expectativa dos agentes”, alerta ela. Louise também afirma que não é a primeira vez que o Brasil passa por uma situação como essa. Houve o grande apagão elétrico em 2000, que causou racionamento de energia, e a crise no sistema Cantareira em 2015. “Por mais que o setor de energia tenha essa sazonalidade

na questão hídrica, podemos enxergar como grandes oportunidades para tornar sócios de boas empresas”, complementa.

Como ficarão os dividendos. As empresas do setor elétrico são algumas das melhores pagadoras de dividendos. Entre elas, Taesa, Copel e Cesp são os papéis que mais pagaram dividendos nos últimos dez anos, segundo levantamento feito com dados de janeiro de 2011 a junho de 2021 pela Economática. Com a crise no segmento, uma preocupação do investidor é como ele pode afetar os proventos distribuídos.

Para Sousa, da Genial, as empresas podem distribuir menos dividendos por “questão de conservadorismo”. Entretanto, ainda não é possível avaliar se haverá desvalorização permanente das empresas. “O ONS (Operador Nacional de Sistema Elétrico) deve fazer uma revisão das garantias físicas para avaliar a capacidade de geração da empresa. Se houver mudança, podemos considerar a desvalorização”, complementa.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação - Sedet
Fone: (85) 3444.2900
www.sedet.ce.gov.br

MERCADOS E ÍNDICES SELECIONADOS (08/06/2021)

DADOS DEMOGRÁFICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Área Km2	148.894	-	8.510.295	
População	9.187.103	57.374.243	211.755.692	
Dens demográfica hab/km2	56,76		22,43	

Fonte: IBGE

INDICADORES SOCIAIS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Índice de GINI:	0,6193	0,6277	0,6086	
Renda domiciliar per capita R\$	942	-	2.398,00	
Expectativa da Vida	74,1	-	76,7	2017
IDH	0,68	-	0,765	2010

Fonte: IBGE

DADOS ECONÔMICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
PIB	R\$ 156,1 BI	-	R\$ 6,90 TRI	2020
Saldo da Balança Comercial (Em Mi US\$)	-318,8 (12°)	-	7.907,8	Jan-Mar/2021
Estoque do Volume de Crédito	87,76 BI		4,05 TRI	Fev/2021
INFLAÇÃO				
	RMF	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Meta	-	-	3,75	2021
IPCA (Acumulado no Ano)	3,36		2,37	04/2021

Fonte: Banco Central, ME e IBGE

MERCADO DE TRABALHO				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Contratações	150.989	812.613	6.406.478	Jan-Abr/2021
Demissões	130.963	724.037	5.448.589	Jan-Abr/2021
Saldo de Empregos Gerados	20.026	88.576	957.889	Jan-Abr/2021
Desocupação (%)	14,4	17,2	13,9	4 TRI 2020
Nível de Ocupação (%)	42,8	41,6	48,9	4 TRI 2020
População em Idade de Trabalhar	7.620 (100%)	46.767 (100%)	176.362(100%)	4 TRI 2020
Força de Trabalho (mil)	3.808 (50%)	23.484 (50%)	100.104 (57%)	4 TRI 2020
Ocupada (mil)	3.260	19.455	86.179	4 TRI 2020
Desocupada (mil)	548	4.029	13.925	4 TRI 2020
Fora da Força de Trabalho (mil)	3.812 (50%)	23.283 (50%)	76.258 (43%)	4 TRI 2020

Fonte: IBGE e ME

Total de Empresas Ativas -2021				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Empresas Ativas	600.790	3.462.249	19.907.733	2020

Fonte: ME

Abertura/Fechamento de Empresas – Ceará -2018 a 2021					
Especificação	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Maio	Até Maio
	Abertura	69.981	84.948	89.084	8.455
Fechamento	71.796	31.501	27.463	2.735	14.638
Saldo	-1.815	53.447	61.621	5.720	31.048

Fonte: JUCEC

CONDEC – 2020 e 2021				
	Protocolos (Atraídos)		Resoluções (Implantados)	
	2020	2021 (Até Maio)	2021	2021 (Até Maio)
Quantidade	39	13	19	2
Investimentos Privados Projetados (R\$)	881.278.406,90	66.902.080,54	165.696.341,37	48.222.455,48
Emprego Direto Projetados	7296	1297	1965	10

Fonte: ADECE

PECEM – Total de Movimentação de Cargas (Toneladas) – 2018 a2021					
Período	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Abril	Até Mar
		17.214.859	18.096.308	15.930.483	1.755.051

Fonte: CIPP